

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA MEMÓRIA EM *TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Flamilla Pinheiro Costa¹

Márcia Manir Miguel Feitosa²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a construção da identidade e o resgate da memória no romance *Teoria geral do esquecimento* (2012), do escritor José Eduardo Agualusa. É através da escrita das suas memórias que a portuguesa Ludovica, personagem principal do romance, reconhece a si própria e (re)constrói a sua identidade em solo angolano. Utilizou-se como aporte teórico, os estudos desenvolvidos em *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2013), de Yi-Fu Tuan; *A Memória Coletiva* (2006), de Maurice Halbwachs; e *Identidade Cultural na Pós Modernidade* (2006), de Stuart Hall.

Palavras-chave: identidade; memória; literatura africana.

THE CONSTRUCTION OF IDENTITY AND MEMORY IN *THE GENERAL THEORY OF OBLIVION*, BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

ABSTRACT: This paper aims to analyze the construction of identity and the rescue of memory in the novel *The general theory of oblivion* (2012), by the writer José Eduardo Agualusa. It is through the writing of her memories that the Portuguese Ludovica, the main character of the novel, recognizes herself and (re)constructs her identity in Angolan soil. As theoretical support for the development of this work, used the studies developed in *Space and Place: the perspective of experience* (2013), by Yi-Fu Tuan; *The Collective Memory* (2006), by Maurice Halbwachs; and *Cultural Identity in Post Modernity* (2006), by Stuart Hall.

Keywords: identity; memory; African literature.

Introdução

É através da literatura que muitas vozes silenciadas são ouvidas, bem como culturas e tradições pouco difundidas são registradas, possibilitando um maior alcance da história de determinado povo mediante a escrita. Sendo assim, foi por meio dessa escrita que Ludovica, protagonista do romance *Teoria geral do esquecimento* (2012), de José Eduardo Agualusa,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3678-8583>. E-mail: flamillapinheiro@gmail.com.

² Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0240-1302>. E-mail: marciamanir@gmail.com.

repercute suas memórias, registra seu passado e tece anotações sobre seu exílio e sua sobrevivência em solo angolano durante a Guerra da Independência.

Tal obra, publicada em 2012, permite vivenciar esse momento histórico através do olhar e da escrita de Ludovica Fernandes Mano ou Ludo. A personagem é uma portuguesa que se muda com a irmã e o cunhado para Angola em 1975³, ano da independência angolana, momento em que se iniciou a Guerra Civil no país, a qual perdurou até o ano de 2002. Além de vivenciar um momento histórico e conturbado do país, mesmo que seja da janela do seu apartamento, Ludo ainda tem a missão de se reencontrar ao resgatar suas memórias de um passado traumático e adormecido. Outra peculiaridade da personagem que é importante para o desenvolvimento da obra é que ela não gosta de lugares abertos.

Trata-se de uma ficção dentro de um contexto histórico real que remonta a uma época de transição na qual os colonos portugueses abandonaram o território enquanto mercenários e militares sul-africanos combatiam as tropas angolanas e cubanas⁴. Durante esse período, várias forças políticas angolanas tentaram assumir o controle do país após séculos de colonização portuguesa. Foi uma transição marcada por conflitos que impactaram profundamente o país e que ainda é percebida nas questões sociais, econômicas e políticas em Angola.

A alienação em relação ao processo de reestruturação de Angola e o confinamento em seu apartamento acabam provocando um apagamento da identidade de Ludo. Tais aspectos, somados à solidão, dão início ao conflito principal do romance. Apesar de temer as pessoas e viver isolada desde a infância, esse isolamento tinha um agravante: dessa vez, ela estava longe do seu país de origem, em um território caótico por conta da Guerra e que não o conhecia, já que nunca saiu para explorá-lo.

Sinto medo do que está para além das janelas (...) Sou estrangeira a tudo. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam não é o meu (AGUALUSA, 2012, p. 31).

³ A eclosão da Guerra Civil em Angola aconteceu ainda no primeiro semestre de 1975, sendo que, em maio, o Acordo de Alvor, delineador das diretrizes da transição até a independência, agendada para novembro de 75, mostrou-se ineficaz. As desconfianças entre os três movimentos de libertação que lideravam a guerra - o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) - dificultaram o funcionamento adequado de um governo conjunto. Além disso, ex-colonos procuraram envolver-se no governo afim de criarem partidos políticos, porém tais iniciativas não foram reconhecidas para participar do processo. Aqueles entre os ex-colonos e luso-angolanos que desejassem participar deveriam associar-se a um dos movimentos que lideraram a resistência contra Portugal (BARRETO, 2014).

⁴ O romance se passa durante a descolonização portuguesa de Angola e segue até o período pós-independência. Cuba esteve presente na Guerra Civil Angolana ao lado do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), um dos principais movimentos de libertação que buscava a independência de Angola de Portugal. Essa participação cubana foi uma extensão do apoio de Cuba aos movimentos de libertação na África.

Durante o seu confinamento, novos conflitos vão surgindo. O drama é ampliado quando ela passa a receber ameaças telefônicas em que um desconhecido cobra informações sobre um diamante valioso do seu cunhado Orlando. Ao perceber que bandidos invadiram o prédio e logo entrariam em seu apartamento, Ludo atira e mata um dos bandidos para se defender. Insegura e fragilizada após o ocorrido, ela decide isolar-se definitivamente: resolve construir um muro separando seu apartamento do resto do prédio, delimitando, assim, suas fronteiras com o mundo exterior, tendo acesso apenas ao terraço já que o apartamento era no último andar do Prédio dos Invejados.

Meses antes, [...] começara a construir no terraço uma pequena piscina. A guerra interrompera as obras. Os operários haviam deixado sacos de cimento, areia, tijolos, encostados aos muros. A mulher arrastou algum do material para baixo. Destrancou a porta de entrada. Saiu. Começou a erguer uma parede, no corredor, separando o apartamento do resto do prédio. Levou a manhã inteira nisso. Levou a tarde toda. Foi apenas quando a parede ficou pronta, após alisar o cimento, que sentiu fome e sede (AGUALUSA, 2012, p. 24).

Embora o enredo principal seja a história de Ludovica, diversos personagens são apresentados, quais sejam Jeremias Carrasco, Daniel Benchimol, Pequeno Soba, Sabalu, entre outros. As narrativas do personagem acontecem em paralelo com o da protagonista, encontrando-se em algum ponto do enredo, cuja característica auxilia o leitor na análise de diferentes vieses e sujeitos sociais importantes para entender os fatos ficcionais do romance e também a realidade histórica retratada.

São personagens responsáveis por representar as outras facetas desse momento histórico, demonstrando a agitação do momento da independência em face ao silêncio e ao isolamento da vida de Ludovica, exilada dentro da sua própria residência. As diversas facetas se entrecruzam de forma não linear. A narrativa se inicia com o obituário de Ludo, em 2010, para só então falar da sua infância, da mudança para Luanda com a irmã e, por fim, a apresentação dos demais personagens que, inicialmente, não parecem ter nenhuma relação com a trama principal.

Essa não linearidade da obra é frequente e possui um papel essencial para o desenrolar da narrativa. O leitor, assim como Ludovica, perde a noção do tempo, sentindo a mesma sensação da protagonista; perdida entre os dias e meses que se passam, perdida no tempo e no espaço.

Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum. Lá, onde nascera, fazia frio. Reviu as ruas estreitas, as pessoas caminhando, de cabeça baixa, contra o vento e o enfado. Ninguém a esperava (AGUALUSA, 2012, p. 46).

À medida que o tempo anda, Ludo se transforma: não consegue mais se imaginar em sua antiga casa em Portugal. A sensação de se sentir portuguesa, aos poucos, vai diminuindo, acontecendo uma transformação gradual da sua identidade. Para Lilian Soier Nascimento, a personagem está em trânsito.

Ser entre culturas, torna-se símbolo da impossibilidade de apreensão totalizante do sujeito. (...) É portador de uma dupla condição identitária, na sua busca de inserção no mundo: recusa e aceitação. Por isso mesmo, torna-se insígnia do sujeito contemporâneo, paradoxalmente nativo e estrangeiro, cosmopolita e de lugar nenhum (NASCIMENTO, 2006, p. 51).

Essa dupla condição identitária percebida gradualmente na personagem é um aspecto importante a ser considerado quando se fala sobre identidade, principalmente a identidade nacional, já que ela não é descoberta e nem surge com a experiência humana, e sim é construída e imposta.

Entre espaços: a construção da identidade

Com o decorrer da narrativa, a identidade de Ludo passa por diversas modificações. A forte resistência que a personagem possui frente à cultura angolana vai, aos poucos, enfraquecendo com o passar dos anos, ocorrendo um processo de fragmentação identitária, assim como uma reconstrução do seu eu, das suas memórias e da sua percepção de espaço e lugar.

Jöel Candau, no seu livro *Memória e identidade* (2011), conceitua a identidade como um estado construído socialmente; “de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (CANDAU, 2011, p. 9). Ou seja, a identidade é elaborada socialmente e está em permanente construção; por essa razão, está inserida em um processo contínuo em que a sua única característica permanente é o ato de remodelar-se com constância.

Essa fragmentação é um atributo típico do sujeito pós-moderno que não possui uma identidade fixa e unificada; isto é, ele é moldado pela pluriculturalidade na qual é inserido. Esse conceito de identidade, como é conhecido hoje, passou por um longo processo. Inicialmente, existia uma concepção iluminista na qual a ideia de identidade era centrada no sujeito, pautada

em um indivíduo centrado e unificado. Posteriormente, a noção de identidade evoluiu para uma concepção sociológica, abandonando a percepção de um indivíduo fechado em si. Todavia,

(...) o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura (HALL, 2006, p. 11-12).

Mediante a descentralização da noção de identidade, surge o sujeito pós-moderno e a percepção da identidade como reflexo de um processo. De acordo com a concepção pós-moderna, o sujeito é:

(...) composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditória e não-resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

São inúmeras experiências no decorrer da vida, além de deslocamentos e rupturas, que ajudam em um processo de (re)identificação, ou seja, o sujeito pós-moderno está em constante construção da sua identidade. De acordo com Bauman,

(...) tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

No início da narrativa, apresentam-se os fragmentos da identidade e da rotina de Ludovica em Portugal.

Ludovica nunca gostou de enfrentar o céu. Em criança, já a atormentava um horror a espaços abertos. Sentia-se, ao sair de casa, frágil e vulnerável, como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça. Muito pequena, 6, 7 anos, recusava-se a ir para escola sem a proteção de uma guarda-chuva negro, enorme, fosse qual fosse o estado do tempo. (...) Após a morte dos pais focou a viver em casa da irmã. Raramente saía. Ganhava algum dinheiro lecionando português a adolescentes entediados. Além disso, lia, bordava, tocava pianos, via televisão, cozinhava (AGUALUSA, 2012, p. 11).

A certa altura da trama, Ludo passa a morar em um edifício conhecido como “Prédio dos Invejados”, em Angola, junto de sua irmã Odete e seu cunhado Orlando. Seu medo de lugares abertos piora e, além da recusa em sair de casa, desaceita auxílio para cuidar do apartamento, adotando para si as funções domésticas; sempre se renegando a ter contato com a cultura angolana. É através desse deslocamento de Portugal para Luanda que acontece a primeira descentralização da identidade de Ludovica. Sempre com medo de mudanças, ela resiste à viagem: “A viagem foi difícil para Ludo. Saiu de casa atordoada, sob o efeito de calmantes, gemendo e protestando. Dormiu durante todo o voo” (AGUALUSA, 2012, p. 12). A partir desse momento de adaptação em um novo lugar que se inicia a desconstrução da identidade portuguesa de Ludo, mesmo que ainda possua forte julgamento – proveniente da sua terra de origem – em relação ao novo país.

Com o passar dos anos, Ludo passa por um processo gradual de apagamento dos seus contornos identitários. Para não se perder totalmente, ela ganha uma nova obsessão: a escrita. “Os dias deslizam como se fossem líquidos. Não tenho mais cadernos onde escrever. Também não tenho mais canetas. Escrevo nas paredes, com pedaços de carvão, versos sucintos” (AGUALUSA, 2012, p. 49). Existe uma necessidade de esquecer para prosseguir. Ela precisa esquecer a vida do passado para sobreviver, mas existe uma necessidade de não esquecer. Existe uma necessidade de esquecer, mas também de registrar. É uma forma de resistência. O ato de escrever é uma maneira de resgatar, registrar memórias e também de se encontrar.

Mesmo com o fim do carvão, mesmo quando se esgotam as paredes, o processo de escrita continua:

(...) se ainda tivesse espaço, carvão, e paredes disponíveis, poderia escrever uma teoria geral do esquecimento. Dou-me conta de que transformei o apartamento inteiro num imenso livro. Depois de queimar a biblioteca, depois de eu morrer, ficará só a minha voz. Nesta casa, todas as paredes têm a minha boca (AGUALUSA, 2012, p. 59).

Para Hall, “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (HALL, 2005, p. 41). Ludovica, ao deixar a sua voz ecoando através das paredes do apartamento, busca o reencontro de si, transformando o lugar em que está inserida em um elemento indispensável para o processo de construção identitária.

Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é

uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 2013, p. 18).

A escrita é uma ferramenta tão importante para essa construção que, logo na página em que se inicia o romance, o narrador escreve uma nota prévia informando ao leitor que obteve acesso às cópias de alguns cadernos e ao apartamento com textos e desenhos feitos de carvão nas paredes onde Ludo ficou exilada durante vinte e oito anos.

Ludovica Fernandes Mano faleceu em Luanda, na clínica Sagrada Esperança, às primeiras horas do dia 5 de outubro de 2010. Contava 85 anos. Sabalu Estevão Capitango ofereceu-me cópias de dez cadernos nos quais Ludo foi escrevendo o seu diário, durante os primeiros anos, dos vinte e oito em que se manteve enclausurada. Tive igualmente acesso aos diários posteriores ao seu resgate e ainda a uma vasta coleção de fotografias da autoria do artista plástico Sacramento Neto (Sakro), sobre os textos e desenhos a carvão de Ludo nas paredes do apartamento. Os diários, poemas e reflexões de Ludo ajudaram-me a reconstruir o drama que viveu. Ajudaram-me, creio, a compreendê-la. Nas páginas seguintes aproveitei muito dos testemunhos dela (AGUALUSA, 2012, p. 9).

Mediante tais registros, o leitor consegue reconstruir o tempo de reclusão em que a personagem viveu. Além disso, há descrições dos traumas vivenciados desde a infância, o que permite traçar o vínculo entre o esquecimento e a memória. Quanto mais a personagem observa os acontecimentos exteriores, mais ela se distancia do seu próprio eu. Ela é vítima e testemunha das transformações dos dois mundos: o dela e o de Luanda. Um é reflexo do outro. A memória e o esquecimento fazem parte do mesmo processo de reconstrução identitária, de modo que ambos são característicos em sujeitos que vivem em regimes totalitários que surgem, normalmente, após a revolução e o desaparecimento das liberdades individuais.

Destarte, a escrita revela o vazio deixado pela ausência de interação com outro ser humano, porém também é uma tentativa de esquecimento e resistência. De acordo com Maria Rita Kehl, “o que se obtém a partir do recalque não é o esquecimento, é a repetição. O recalco é o passado que nunca se apaga e retorna nas formações de linguagem (...), nas fantasmagorias, no sintoma” (KEHL, 2011, p. 309). É apenas nos capítulos finais do romance que é revelado ao leitor uma parte importante da vida de Ludo em Portugal: ela fora violentada sexualmente na infância e engravidara. Foi por esse motivo, e principalmente pela reação dos pais, que Ludo é obrigada a isolar-se, sentindo vergonha de si.

A vergonha é que me impedia de sair de casa. O meu pai morreu sem nunca mais me dirigir a palavra (...). Pouco a pouco fui-me esquecendo. Todos os

dias pensava na minha filha. Todos os dias me exercitava para não pensar nela (AGUALUSA, 2012, p. 167).

A vergonha se transformou em medo do outro, em fechamento das suas fronteiras, em dor e exílio; por meio dos quais Ludo expressa a sua identidade. O ser humano é moldado diante das diferenças e é por isso que não se pode crer em identidades consolidadas, haja vista que ela se desenvolve e se recria a partir do meio em que se está inserido.

(...) as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construída (HALL, 2005, p. 110).

Logo, é ao se perder que Ludo se rende e se transforma. É através da reclusão total – e do ato de esquecimento – que a personagem se reencontra.

Em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur afirma que:

(...) o esquecimento está associado à memória (...): suas estratégias e, em certas condições, sua cultura digna de uma verdadeira *ars oblivionis* fazem com que não seja possível classificar, simplesmente, o esquecimento por apagamento de rastros entre as disfunções ao lado da amnésia, nem entre as distorções da memória que afetam sua confiabilidade (RICOEUR, 2010, p. 435).

O esquecimento está tão ligado à memória que, intrinsecamente, está ligado a ela; inclusive, “pode ser considerado como uma de suas condições” (RICOEUR, 2010, p. 435). Na obra de Agualusa, fica nítida a relação entre identidade e memória, visto que são aspectos fundamentais para o processo de reconstrução da identidade do ser humano. No caso da narrativa, são fatores intrínsecos ao desenvolvimento de Ludo.

Ao abordarmos a tríade cultura, identidade e memória pressupõem fazermos observações em diferentes ângulos a partir da personagem Ludo, uma vez que estão interligadas. Portanto, não podemos falar em construção de identidade sem colocarmos em consideração os fatores culturais que envolvem a personagem, estrangeira; que passa a viver em um país em que a mesma resolve não pertencer. (...) Dessa forma, entender a construção identitária da personagem Ludo significa, antes de tudo, conhecer os elementos culturais de que ela faz parte e de outros que se relacionam com seu passado (SILVA, 2016, p. 16).

Ao final da narrativa, após a derrubada da parede que separava Ludo do resto do prédio, ela reencontra a sua filha, Maria da Piedade, que a convida para retornar a Portugal; porém, Ludovica hesita ao receber a oferta não por se sentir apegada ao lugar, mas sim por conta do seu processo de reconstrução identitária que se deu enquanto o habitava.

Não vim a Luanda para cobrar nada. Vim para a conhecer. Quero levá-la de volta para nossa terra.

Ludo segurou-lhe a mão:

Filha, esta é a minha terra. Já não me resta outra. (...) vejo cada vez pior. Um oftalmologista, amigo do meu vizinho, esteve aqui em casa, a observar-me. Disse-me que nunca perderei a vista por completo. Resta - e a visão periférica. Hei de sempre distinguir a luz, e a luz nesse país é uma festa. Em todo o caso, não pretendo mais: A luz, Sabalu a ler pra mim e a alegria de uma romã todos os dias (AGUALUSA, 2012, p. 154).

Ludovica não se sente mais pertencente a Portugal. Agora, desenvolveu uma relação topofílica com Angola: ao construir sua nova identidade, construiu também um novo olhar para o lugar onde morava; redescobrimo-se por meio do local em que residiu, expandindo seus horizontes e a si mesma.

Considerações finais

É imprescindível pensar na transformação de Ludovica em relação à transformação de Luanda. A cidade mudou; a personagem mudou. Ambas buscam uma identidade, assim como uma independência. Mediante a escrita, entre riscos e rabiscos, que Ludo registra seus traumas, cujo processo também é um reflexo da reescrita de Angola enquanto país através da sua independência.

Ludo se transformou a partir de três estratégias: recusa, reconhecimento e aceitação. Nas primeiras cenas, as imagens do fechamento das janelas, do sono durante o voo, do afastamento das escadas, da construção de uma parede compõem o estado fragilizado e conturbado de seu ser. A aproximação da janela e o olhar em direção à tempestade efetivaram o desejo de mudança por parte da protagonista, que passou a reconhecer-se internamente. E, por fim, a ocupação do espaço externo, a saída do isolamento, foi a estratégia de aceitação do seu lugar íntimo, ao qual correspondeu também à aceitação do espaço africano.

O romance de Agualusa é uma reescrita de Angola representando sua realidade conflitante em meio à Guerra Civil, às lutas e ao derramamento de sangue, almejando a sua liberdade, assim como Ludo tentando reconstruir a sua identidade. A teoria geral existente no

romance não é apenas a do esquecimento, é a da construção de novas memórias, a da transformação identitária e a de surgimento de um novo ser.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria geral do esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz, 2012.
- BARRETO, Isabel S. L. J. *Migrantes da descolonização: portugueses e luso-angolanos no Brasil (1974-1977)*. 2014. 257 p. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1577.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Tradução Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro, 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- NASCIMENTO, Lilian Soier. Imigrantes: identidades em trânsito. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Literatura e Imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POS-LIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras: História da Literatura, 2006, p.51-72.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. 3ª. reimp. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.
- SILVA, J. S. *Memória e identidade: a construção da personagem Ludovica em Teoria Geral do Esquecimento de José Eduardo Agualusa*. 2015. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2015. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9399>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Livia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.

Recebido em: 28/12/2023.

Aceito em: 15/02/2024.